

"Nesse exercício de domesticação das palavras e pensamentos, uma pulsa mais forte: teimosia! É a teimosia que nos mantém vinculados às pessoas e aos projetos"



São tempos difíceis. Palavras conhecidas, como incerteza, finitude, fragilidade e ansiedade passaram a povoar nossos corações e mentes de um jeito inédito. Não há receitas para lidar com esse insistente vocabulário, cada um que invente a sua. Eu inventei.

Equilibro-me entre o dever profissional de acompanhar a crise sanitária, sem, contudo, transformá-la numa espécie de 'reality show Covid-19'. Recuso-me a ser capturado pelo frenesi do noticiário e pelas coberturas extras da imprensa. Mantenho-me, em alguma medida, também distante. Nesse exercício de domesticação das palavras e pensamentos,

uma pulsa mais forte: teimosia! É a teimosia que nos mantém vinculados às pessoas e aos projetos. Aliás, ter projeto já nos remete ao futuro, que se espera seja diferente deste habitado por aquelas colonizadoras palavras.

É assim que as rotinas das reuniões *on-line*, do sol que bate à janela de um jeito supostamente inédito, dos sons da vida ao redor, tudo nos remete a um novo glossário, por assim dizer, libertador. Ainda que não queira reviver tais experiências, não quero esquecê-las jamais. Desde o início passei a fotografar a casa e as pessoas que nela habitam. A luz à janela e os nossos gestos de tristeza e alegria, serão palavras-imagens para todo o sempre congeladas.

Foto: Caio na rede, quem é que não cai?

O registro foi feito pela minha filha, de dez anos, em um dia em que o tédio e o calor falaram mais alto nessa pandemia. No final desse dia, subimos para o terraço em busca do céu, das estrelas e de oxigênio novo. Conteí com a sensibilidade da menina para registrar-me em frente ao laptop.

Carlos Henrique Paiva, Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde/COC